

X Jornadas ICOM _ Porto _ 27 Março 2012

Deontologia dos profissionais de Museus: Novos Paradigmas?

Conhecer e comunicar com os públicos

Interpretação, exposição e educação museais

Agradecimento ao presidente do ICOM e restantes membros pelo convite em participar nestas jornadas de reflexão.

Sendo eu dos Serviços Educativos podia supor-se que viesse falar espontaneamente ou de improviso, no entanto construí, cuidadosa e metodicamente um objecto que de modo sintético levantasse o véu a muitas questões que hoje, em conjunto, aqui pudéssemos problematizar. Assim irei ler.

A quem interessam os museus?

Amigos, Colegas, ou devo antes dizer, militantes, sobreviventes....

Lato senso, os museus mais antigos em Portugal, no sentido que hoje são entendidos, têm cerca de 100 anos, todos os outros são bem mais recentes.

Aterragem abrupta no século XXI. As actividades para os públicos e o próprio público passam a ser a razão de existir do museu. A Universidade invade e força a abertura de portas, os académicos de todos os graus e especializações proliferam procurando compatibilizar investigação, aprendizagem e experiência, viabilizando estágios curriculares, mestrados e doutoramentos. Deixa de se pensar no público no singular, pensa-se nos públicos, em todos os públicos, em contextos educativos e de formação ao longo da vida. Reinventam-se linguagens e novos discursos expositivos inclusivamente com preocupações ao nível das acessibilidades para os diferentes tipos de públicos como o caso crescente dos Seniores.

Reforçam-se e equilibram-se as equipas com a figura do voluntário que pratica uma dádiva de carácter social.

O número de visitantes que o museu consegue atrair é o indicador máximo de importância, relativamente aos outros museus, disso se fazendo estandarte, divulgação tão ampla quanto possível e uma marca de competitividade.

Neste caminho de 100 anos a instituição museu tentou moldar-se, adaptar-se, superar-se e soube criar novas competências.

Palavras intimistas

Museus das mais diversas colecções e acervos, de constituição arqueológica, industrial, natural, popular, estética, erudita ou conceptual, antiga, recente ou moderna, até contemporânea, são testemunhos dos povos, das comunidades, das pessoas afinal, actuam sobre a memória, sempre sobre a memória dos povos, da sua identidade e sobre a memória de cada um de nós!

Portanto o Museu é um lugar de memórias. A memória como vestígio do passado, a memória como referente do presente e a memória como construção do futuro do muito que se perspectiva no futuro. A memória como património espiritual, como testemunho pessoal e espiritual.

Se não procuramos conhecer as memórias, se não sabemos lidar com a memória matriz e estrutural, do passado e do presente, como nos identificamos, como nos reconstruímos, como chegamos ao futuro?

Que significado terão então os acervos dos museus?

Sem memória teremos educação? Sem memória teremos cultura? Sem memória teremos futuro?

Afinal a quem interessarão os museus?

A todos ? Sim, é a verdade !!!

Mas, pergunto eu, será que as tutelas já deram por isso?

Advertência

Poucas vezes ou nenhuma falarei da crise financeira, não teria aptidão nem habilidade para tal exame. Tentarei, antes, observar de um outro mal, de uma crise interna, bem mais antiga e dissimulada. Falo da crise de valores, da insensibilidade humana e da capacidade de compreensão e visão, dos propósitos e intenções que atingem as instituições onde trabalhamos, os museus!

Resvalarei, por motivos óbvios, para um olhar mais centrado nos museus públicos, muito embora grande parte da reflexão que trago seja sentida e expressa por uma convincente maioria de colegas das mais variadas tutelas.

Acutilâncias e impertinências sobre três temas do quotidiano:

Públicos _ Comunicação _ Educação

Públicos Quem são os Públicos dos museus?

O que é ser público?

É ser pessoa e querer entrar. Erudito ou sem conhecimento, pequenino de poucos anos ou de 80 ou 90, como motivação uma qualquer intenção, culta ou erudita, ou sem nenhuma razão aparente, porque simplesmente se decidiu criar uma alternativa ao ecrã televisivo ou ao passeio no centro comercial.

Simplesmente assim, quando falamos de públicos avulso, sem rosto.

1. num cenário ideal: o recepcionista cobra cordialmente um bilhete de 3ª idade sem exigir o B.I., uma planta norteia e informa o que se pode visitar, uma fácil compreensão como chegar às casas de banho mas também ao bengaleiro para aliviar dos pesos,

inesperadamente alguém informa, prudentemente, que a exposição continua se virar à direita, ou, ao fundo da sala encontrará um texto que explica a exposição, ou ainda, naquele momento está um grupo grande na sala, porque não descansar um pouco, na loja, ou à volta de um café, que depois logo continua a visita quando o grupo se afastar. Enfim, inúmeras e intermináveis possibilidades de oferecer um acolhimento digno.

2. predomina a visita individual: uma pessoa solitária, duas, três, amigos, um casal, uma entrada pontual, fazem horas ou dispõem de pouco tempo ou o interesse é sumário, e, obviamente, não desejam a visita guiada que confere um estatuto mais sério e exige programação antecipada. Importa ver e aprender qualquer coisa mais, acrescentar algum conhecimento num contacto directo e vivo. Os catálogos não despertam interesse, nem pelo preço nem pelo conteúdo muito específico. O que convinha mesmo, mesmo, era alguém do museu que estivesse ali nas salas, acessível, a quem não provocasse constrangimento fazer uma pergunta, colocar uma dúvida tola, mesmo básica, alguém que conversasse, nada de explicações complicadas, mas uma história, um contexto ou algumas referências para sair com um sentimento de que valeu a pena. Quem sabe, talvez volte, não cansou nem saturou, assim até foi bom, afinal valeu a pena. Enfim, outras inúmeras e intermináveis possibilidades de oferecer um atendimento digno.
3. com a miragem de que voltem para aumentar o número de visitantes? Nada disso! Apenas, porque se todos aprendemos a estimar e a zelar os acervos, como não estimar e zelar pelo interesse de seres humanos. Pessoas, públicos, nos mais diversos âmbitos e vínculos que se dispuseram a visitar o museu, a conhecer as exposições e os seus conteúdos. Como não fazê-lo sempre? Como se é capaz de o não fazer?
4. Mobilizar equipas de carácter permanente para estes fins é urgente!

Públicos organizados quem são?

São grupos quase “forçados” a entrar porque interagem em colectivo, por vezes sem qualquer vislumbre ao que vêem. São escolas, universidades, associações da mais distinta natureza, grupos culturais, estagiários, voluntários, professores, VIPs, famílias, férias, amigos, etc, etc,

São os nossos alvos!

1. A visita guiada na relação com os públicos foi, sem margem de dúvida, a origem, a força e a imagem para se afirmarem as mediações entre objectos e públicos. A 59 anos de distância das primeiras visitas guiadas, programadas, até agora de consenso geral nos museus e de incessante solicitação por parte dos públicos organizados, ainda não se entendeu que a visita guiada se tornou parca e inconsequente? Onde está o desafio, a relevância, a actualidade?
2. as visitas guiadas não têm sentido?! Têm e muito, mas no domínio de uma prática de integração de temáticas, transversal no tempo, por muito tempo, como recurso continuado,

como lastro ao pensamento e às aprendizagens. Esta é a tarefa certa que temos para o futuro, creiam! Quem arregaça as mangas e torna a utopia projecto para os públicos?

3. outros públicos, ofertas educativas, ateliers, férias, aniversários nos museus. É moda, dá jeito, dá estatuto, ou o avô leva porque trabalha no museu, ou realmente porque se acredita no mérito de quem orienta. Porque teimosamente têm sabor a entretenimento pontual? Porque não recheá-los de conteúdos das aprendizagens formais nos domínios de cada acervo? Não olhem de soslaio, pode ser divertido. Aprender é bom, quem não tem filhos ou netos capazes de absorver conhecimento, dominar matérias? Quem não os ouviu desabafar, “tou farto daquilo” ou “aquilo é para bebés”. Pois experimentem dar-lhes conteúdos a valer e vejam do que são capazes, não os subestimemos!

Públicos invisíveis quem os conhece?

São investigadores, académicos que chegam para pesquisar, investigar, considerar conceitos, procedimentos e praxis, cruzam saberes e estabelecem novas luzes sobre o conhecimento.

1. como compatibilizar apoio factual e disponibilização de acervos se a equipa não dispõe de pessoas, de espaço, de tempo?
2. quantas vezes atalhámos já o caminho destes estudiosos que nos atropelam o quotidiano? Mas, sabemos-lo também, cometemos danos graves, impedir e mitigar o acesso ao conhecimento dói, corrói e trava o futuro.
3. que armas encontrar para dignamente apoiar este público invisível que aumenta todos os dias, que produz conhecimento e tem por direito o acesso aos museus e seus acervos?

A acessibilidade nos museus tem por objectivo melhorar o acesso aos museus a todo o público com necessidades especiais: físicas, intelectuais ou sociais.

1. porque razão obscura os colegas que integram o grupo de trabalho das acessibilidades nos museus, de seu nome GAM, são constituídos esmagadoramente, por colegas dos Serviços Educativos? Dá que pensar!
2. sem desvirtuar esteticamente os ambientes das exposições porque não se assume de vez o assunto das legendas que têm por solução custos reduzidíssimos e resultados eficazes. Apenas uma cor de papel que destaque as letras de tamanho consensual, e nem sequer falamos de escrita Braille, apenas letras comuns, (daquelas que aprendemos nos bancos da escola), letras com uma dimensão acessível até para muitos de nós com mais de 40 anos a quem a falta de visão incredulamente já atraiçoa?
3. sem custos de tirar o sono porque não se adquirem bancos, simples, leves e transportáveis, quem pode assumir que não dão jeito? Se todos nos congratulamos, podemos imaginar quem carrega uma patologia ou carrega a velhice ou quem transporta dentro de si uma criança? Exequível, haja vontade e solidariedade!

Voluntariado, o estatuto do voluntário diz que ser voluntário constitui uma oportunidade de excelência para participar e conhecer por dentro o mundo da cultura ...contribui para a valorização intelectual e pessoal....

1. estaremos nós nos museus a cumprir com os objectivos dos estatutos do voluntário ou bem pelo contrário utilizamos a figura de jovens com altas formações académicas e no desemprego, para atingirmos propósitos egoístas como: superar falhas de pessoal, não encerrar espaços e salas de exposição, ou até mesmo não encerrar os museus. Será que podemos todos pôr a mão na consciência?
2. porque, não propormos antes, aceitar também voluntários que precisam absolutamente de encontrar uma função que consinta a diferença, que no entanto não é impeditiva de participar em acções de voluntariado. Porque exige muito trabalho e nos ocupa muito tempo integrar estas pessoas? Porque não conseguimos conviver com a diferença? Porque não ficará bem num museu ter um vigilante mais lento, ou na loja o atendimento prestado por um surdo?
3. mas o museu não é inclusivo, ou estarei equivocada?

Comunicação

Exposição

Visitar uma exposição deve simultaneamente criar momentos de experiência e descoberta e momentos de fruição e poder simbólico. Pensar e produzir uma exposição é comunicar, é pensar nos outros, nos públicos, é conquistá-los através de diálogos expositivos tornando os conteúdos didácticos e significativos, esteticamente enquadrados e valorizados, contextualizados por todos os meios ao alcance.

1. faltam meios ou também reconditamente algumas resistências de classe impedem o paradigma da exposição inteligível, acessível?
2. será esta uma das causas para que a política expositiva do museu se faça à margem dos técnicos dos Serviços Educativos, ou melhor, de costas voltadas para quem conhece as idiosincrasias dos públicos? Que vos parecerá, está mais do que na altura de partilhar conteúdos.
3. agora o inverso, porque razão enigmática a crítica tarefa de atrair e cativar os públicos, não faz parte dos parâmetros dos conservadores, comissários, curadores e directores, é da responsabilidade dos Serviços Educativos e do departamento de divulgação? Será preciso pedir um acto de coragem para que esta capacidade seja aferida entre as competências de toda a equipa do museu?

Textos

Textos de sala e textos tabelas do objecto, suportam e sustentam os conceitos teóricos à volta da exposição e desenvolvem conhecimento e identidade sobre os acervos. Indago:

1. porque não libertar as ideias, porque não desatar os exercícios linguísticos herméticos, impenetráveis e concentrarmo-nos antes nas questões relacionadas com a sua projecção e comunicação externa, ou seja, sempre e uma vez mais, o entendimento e a inclusão para os públicos. Não retira profundidade, não desmerece e, acreditem, ninguém sairá a perder!

Divulgação

Numa sociedade com maior número de públicos e públicos com interesses diferenciados impõem-se novas necessidades de mediação e comunicação. A palavra de ordem é, exactamente, a comunicação, a divulgação, o marketing.

1. trabalhar para os públicos, que afinal é a nossa função e o nosso fim, sem disso lhes dar conta, é invertido e programaticamente aceitável?
2. porque não fazem todos os museus campanhas aturadas de divulgação, porque é privilégio só de alguns? Será por falta de meios técnicos? Mas se todos já identificámos esta inexplicável circunstância porque não temos capacidade de a alterar? Divulgar será tabu?

Educação Quem cativa, quem acolhe e quem motiva os públicos?

Apesar da assunção de que os Serviços Educativos representam um papel determinante no acolhimento, mediação e problematização das questões dos públicos, competência que a estrutura interna do museu assume como positiva, é um estatuto imposto pela força e qualidade da praxis, embora não seja expresso para o exterior do museu em plano de igualdade com os perfis dos outros técnicos, nomeadamente, os conservadores, comissários e curadores.

1. por uma questão inconsciente de defesa de território, de honra e pergaminhos, que o conhecimento e o saber são domínio exclusivo dos conservadores, comissários e curadores?
2. mas os saberes pedagógico e psicológico, apesar de humanistas, também são de natureza científica e técnica, valorizam as aprendizagens como um processo de construção pessoal, consideram as múltiplas possibilidades de aprender, formal, não formal e informal, e ainda, estimulam a aprendizagem através da emoção, do sentir, das expressões, da experiência e até do hábito. Pela certa, medonho para alguns....
3. porque, os dirigentes dos museus privilegiam ainda o discurso vivo, sensacional e efémero em detrimento dos conteúdos e da continuidade?
4. porque é tão difícil digerir que cada mediação com os públicos exige uma reflexão, uma adequação, um projecto, e que não há nem discursos papagueados, nem cenários bisados, nem tempo limite?

5. como se pode pretender avaliar a curto prazo processos de desenvolvimento pessoal e social, quando se pensa e reflecte por outros métodos e usam linguagens de carácter único? Porque têm estas actividades dos Serviços Educativos menos valor e peso face aos grupos padrão?
6. porque não se avaliam os Serviços Educativos pela qualidade e valor intrínseco dos projectos, dos ateliers, das visitas guiadas, das parcerias, das acções de formação, das boas práticas desenvolvidas? Porque se avaliam então pelo número de públicos recebidos?

Por fim, a cada qual a sua competência, a dos acervos e a dos públicos, com a certeza porém, que só no imbricamento dos saberes, na união do pensamento convergente entre toda a equipa se dará ao museu a sua verdadeira função, a de uma instituição com um discurso organizado, educativo, para todos, num processo de aprendizagem pessoal. Posto isto é o número de visitantes dos museus unidade de medida para a qualidade?

Conclusão

Museus para momentos de aprendizagens e reflexão, museus para momentos de deambulação e ócio.

Museus como lugares de educação, cultura, conhecimento, identidade, significado, experiência, lazer.

O quotidiano dos museus vive e projecta a relação dos acervos no diálogo com os públicos.

Sem a memória da relação teremos futuro?

Mas será mesmo que as tutelas já deram por isso?

Afinal os museus interessam a todos!

Catarina Moura

Coordenadora do Serviço Educativo do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado